

[de caneta]

Nanda Dreier

Escrevo à mão agora. Só porque eu acho meio bonito nesses dias que saio da rotina. Por falar em rotina, que palavrinha feia essa. Parte daquelas que não deviam estar no dicionário.

Tipo: muito, corriqueiro, esquecimento e concreto. Tem umas outras também. Mas de que vos importa não é?

[enter]

Ando meio ranzinza (feia também; eu e a palavra). Acho que estar assim tem sido meio feio também. Feioso de minha parte, aliás. Esta humilde seiláoque que vos fala teima em ser forte. Será que é bonito ser forte? Eu não vou tomar anabolizante. Tô falando de ser forte por dentro. Ê humorzinho barato esse meu. Ê vida ociosa. Ê leiê.

[enter de novo]

Falo sozinha. Que feio. Mas e daí?! Eu danço sozinha também se eu quiser. Faço várias coisas sozinha, aliás. Sou auto-satisfatória por uns tempos (isso foi horrendo e egocêntrico). O problema é quando eu já não suporto mais as minhas manias e esse jeito de falar tão pouco cuidadoso, e essa voz enjoativa, éca; e o jeito que eu pego a caneta não mão então. Que coisa mais esquisita ser eu, penso.

[entre]

Esses dias eu queria virar logo uma borboleta pra achar as coisas bonitas. Histórias de borboletas sempre são bonitas. Só daquelas bem grandonas que minha mãe chama de bruxa que não. Tão feias as coitadas que acabam sempre morrendo de chinelada. Ontem eu li que uma borboleta quando deixa de ser lagarta só vive oito horas. Miseráááável bichinho.

Prefiro ser assim, meio lagarta e feia e ver o sol se pôr.

[saia]

“É que o céu, vazio de Deus, preserva ainda a glória do mistério infinito. Um dia anuncia o outro, uma noite confirma a outra. Não há verbo, não há palavras, mas há vozes murmurando significados por entre estrelas.” (Narrador do filme - Últimos diálogos. 1993) - Millôr Definitivo, A Bíblia do Caos.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/de-caneta>